

QUADROS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: MATERIALIDADES QUE DESAFIAM O CURRÍCULO?¹

Gabriella Gonçalves Mendes da Silva,

Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia (UFMT/CUA)

Vitor Hugo Marani,

Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia (UFMT/CUA)

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Sexualidade; Educação Física; Currículo.

INTRODUÇÃO

Neste estudo buscamos reconhecer como gênero e sexualidade atravessam a formação inicial em educação física em cursos de licenciatura de universidades federais brasileiras. Para tanto, nos engajamos com a metáfora do “quadro”, proposta pela filósofa Judith Butler (2015), em *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?*, para investigarmos como gênero e sexualidade são categorias discursivamente “emolduradas” nos currículos da área. A partir dessa compreensão, reconhecemos a possibilidade de análise, crítica e posterior intervenção na formação inicial em educação física, de modo a contribuir para ampliações de noções fixas de gênero e sexualidade historicamente produzidas na moldura “educação física”, dadas as operações de poder heteronormativas, logo, excludentes de corpos que, de algum modo, instauram, para a área “problemas de gênero” (BUTLER, 2018).

QUADROS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: O QUE NOS DIZ A “MOLDURA” EDUCAÇÃO FÍSICA?

Utilizamos de uma investigação do tipo documental, por meio de mapeamento de disciplinas que, de forma central, estavam relacionadas à “gênero” e à “sexualidade” em projetos pedagógicos de curso de licenciaturas em Educação Física. O mapa de disciplinas foi constituído a partir de lista de cursos disponíveis no portal MEC e, posteriormente, ingresso

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

em *websites* institucionais, o que nos levou às seguintes informações: a) do total de 51 currículos investigados, encontramos 16 disciplinas, em 15 instituições distintas; b) em relação às regiões brasileiras: 4 (Nordeste), 3 (Centro-oeste), 3 (Sudeste), 6 (Sul) e 0 (Norte); c) em relação à oferta, 12 são optativas, entre 30 e 72 horas, e, 3 obrigatórias, com a carga horária entre 45 e 68 horas, e, 1 não obtivemos a informação; d) quanto à nomenclatura e os termos constantes nas ementas das disciplinas, além dos termos “gênero”, “sexualidade” e “educação física”, foi possível reconhecer outros temas, a saber: “educação” “corpo/s”; “saúde”; “relações étnico-raciais; “política”;

A partir dos dados elencados, entendemos que, embora as discussões de gênero e de sexualidade sejam crescentes na educação física desde a década de 1980, como afirmam Devide et al. (2011) e Goellner (2013), tais temáticas ainda são atravessadas por carências quando pensadas sua centralidade em disciplinas no currículo de formação de professores. Ainda, mesmo quando estão presentes, emergem como opcionais à formação, bem como, de modo desigual, quando pensada sua distribuição nas regiões brasileiras. Entendemos que a ausência de discussões centrais de gênero e de sexualidade no currículo são efeito de relações de poder que atravessam a moldura “educação física” e que ainda (re)produzem discursos heteronormativos. Nesse sentido, demarcamos a necessidade de produção de deslocamentos na moldura “educação física”, (re)orientando a disposição de “quadros” de gênero e sexualidade na área, o que pode servir de plataforma para ampliar normas de reconhecimento social rumo a processos de não-violência (BUTLER, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do mapeamento de disciplinas que tematizam gênero e sexualidade em cursos de educação física reconhecemos como tais temáticas materializam-se timidamente no currículo, o que aponta para a necessidade de desafiar estruturas dominantes que produzem a educação física como “moldura” e seus enquadramentos. Daí destacarmos outros modos de confrontar normas de gênero e de sexualidade na educação física, a exemplo de projetos de ensino, de pesquisa e/ou de extensão que instaurem denúncias normativas e que impulsionem uma educação física comprometida com a defesa e preservação de todas as vidas, resistindo a processos de exclusão social.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DEVIDE, F. P. et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. In: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Org.). **Educação física e gênero**: desafios educacionais. Unijuí: Ijuí: Ed, 2013. p. 23-43.